

**FACULDADE SERRA GERAL
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FUTEBOL E FUTSAL.**

JOSÉ RINALDO DOMINGOS DE MELO

O PRECONCEITO DE GÊNERO NOS ESPORTES

Carpina-PE

2022

JOSÉ RINALDO DOMINGOS DE MELO

O PRECONCEITO DE GÊNERO NOS ESPORTES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade Serra Geral, como requisito para obtenção de título de Especialista em Futebol e Futsal.

Orientador(a): Professora Girleide Melo.

Carpina-PE

2022

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 REFERENCIAL TEÓRICO	7
2.1 Educação física, gênero e os esportes escolares	7
2.2 Prática desportiva do futebol e futsal feminino	11
2.3 Pesquisas que apontam o preconceito e a discriminação da prática do futebol e do futsal feminino	13
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	23

1 INTRODUÇÃO

A educação física tem sido uma área rica para discussões de esportes, e estudos que abordam especificamente as relações dentre o gênero masculino e feminino, são sempre relevantes, pois muitas meninas gostam da prática desportiva, porém ainda tem ocorrido muitas situações de preconceito, discriminação e desigualdade que são evidentes na prática feminina do futsal como apontam os estudos de Oliveira (2008); Mascarin; Oliveira; Marques (2017), Grando; Bueno (2019) entre outros.

Para Mascarin; Oliveira; Marques (2017, p. 83), “a participação feminina no esporte é, historicamente, permeada por manifestações de discriminação e preconceito. O futsal, assim como o futebol, caracteriza-se como um espaço de reserva masculina no Brasil”. Logo, apesar dos esportes praticados por mulheres como o futebol e o futsal feminino estarem conquistando seu espaço e estas desportistas estarem representado muito bem o gênero, situações de preconceito e discriminação ainda são percebidas pelas meninas ao aderirem a uma modalidade de hegemonia e visibilidade masculina, justificando a importância de se pesquisar o assunto.

A motivação da pesquisadora na escolha esse tema foi por amar a prática desportiva e principalmente o futsal, onde desde criança sempre gostou da modalidade, porém na escola os colegas não a deixavam jogar com eles, e nem o professor por medo deles a machucarem. Sendo isto confirmado por Viana (2008), na qual a autora discorre que mulher se iniciou no campo desportivo por meio dos esportes individuais onde não havia contato corporal.

As diferentes formas de rejeição da participação feminina são confirmadas em vários estudos, destacando que Mascarin; Oliveira; Marques (2017) apontaram que o preconceito contra a mulher praticante do futsal ainda existe, e isso parte tanto da família, como da escola, e até mesmo do público feminino.

A importância da prática de diferentes esportes como conteúdo das aulas de educação física é indiscutível e nas escolas públicas no ensino médio não é diferente, contudo, como se pode perceber em se tratando das meninas participando modalidades culturalmente entendidas como modalidades de exclusividade

masculina, ainda existe certa resistência na aceitação das meninas participarem dessas modalidades esportivas e com isso cresce a desmotivação das alunas em aderir aos esportes como o futebol e o futsal.

Pretende-se enquanto acadêmica e futura profissional de educação física ao desenvolver esta pesquisa verificar as possíveis dificuldades que as meninas encontram nas aulas de educação física em relação a participação nas diferentes modalidades esportivas de maneira a integrar na luta contra o senso comum masculinizado ligado a participação esportiva, pois acredita-se que a mudança desses valores são pertinentes para quebrar as barreiras sociais que tem impedido a legitimação para o esporte feminino.

“Não restam dúvidas de que a participação feminina no esporte gera manifestação, discriminações, preconceitos e questionamentos quando as mulheres são protagonistas das modalidades esportivas determinadas culturalmente como masculinas” (VIANA, 2008). A prática desportiva feminina ainda passa por um processo em que a desejada e necessária aceitação de muitos não são vistas, pelo contrário tem sido confirmada no dia a dia e por diversos estudos, logo, acredita-se que seja um problema na vida de muitas alunas que gostam ou gostariam de participar das diferentes modalidades esportivas nas aulas de educação física, mas o fato de serem rejeitadas ou mesmo excluídas tem provocado a desmotivação e não aderência as aulas de educação física.

Considerando a importância da temática se faz necessário disseminar a idéia de considerar as práticas desportivas por ambos os gêneros com melhor aceitação. De maneira que, se pretende com este estudo responder a seguinte problemática: O professor de educação física de escolas públicas tem promovido a prática desportiva do futebol e futsal sem a separação de gêneros em suas aulas?

O objetivo geral deste estudo é apontar os tipos de preconceito e discriminação vividos pelas meninas praticantes de esportes como o futebol e futsal em escolas públicas. Tem como objetivos específicos: Relacionar os conteúdos da educação física e a oferta das modalidades esportivas refletindo sobre a necessidade de aceitação a participação de ambos os gêneros nos esportes escolares; identificar a importância da participação das meninas em diferentes modalidades esportivas como o futebol e o futsal e descrever as estratégias que o

professor pode se valer para a inclusão das meninas nas modalidades esportivas como no futebol e futsal.

A escolha do tema deu-se inicialmente ao interesse pela história do futebol e futsal, e também pelo fato desses esportes serem uma prática considerada paixão nacional tanto para os homens quanto para as mulheres. Esportes estes que, são coletivos, o que atrai ainda mais o brasileiro que gosta da coletividade e do espírito esportivo. É fazendo a inclusão de todos que a sociedade cresce com igualdade. Será a partir dessa premissa que a pesquisadora justifica a realização deste estudo, cuja escolha do tema sobre a aceitação da prática desportiva de modalidades como o futebol e o futsal feminino, se deu e dará devido ao seu objetivo de compreender melhor e disseminar sobre a importância da inclusão de ambos os gêneros nas aulas práticas de educação física escolar. Sabe-se que na maioria das escolas, as meninas não praticam futebol ou futsal por terem apreendido que esse esporte é apenas para meninos. Sendo este um senso comum tradicionalmente aceito há muitos anos de que apenas homens podem praticar esses esportes. Mas, hoje já se evidencia que as mulheres podem dividir esse espaço dentro da quadra ou do campo com os homens.

Contudo na comunidade escolar, ou seja, na maioria das escolas públicas ainda existe preconceito, discriminação e exclusão das meninas na prática de algumas modalidades esportivas como o futebol e o futsal. Logo, justifica-se o desenvolvimento deste estudo de forma a ampliar a reflexão sobre a temática, pois cabe a cada um (gestores, educadores e pais) ensinarem aos alunos a terem mais consentimento independente de gênero, cor ou raça.

Quanto a comunidade acadêmica científica este trará importantes dados para serem discutidos ou usados para comparar com outros estudos sobre tão importante temática que ainda tem causado a desmotivação e perda na aderência nas aulas de educação física pelas meninas e jovens amantes de modalidades esportivas pela supremacia masculina.

A metodologia utilizada é a pesquisa de revisão de literatura cujo procedimento técnico segundo Simões (2015) é realizado a partir de material já publicado da fundamentação teórica suficiente para entendimento do assunto.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Educação física, gênero e os esportes escolares

A Educação Física é um assunto no qual se espera que os alunos aprendam conhecimentos e habilidades em esportes e atividades físicas. Aprendendo em educação física, os indivíduos geralmente alcançam o movimento físico por meio do treinamento físico. Durante este processo de aprendizagem específico, a motivação serve como uma força primária que leva os alunos a atingirem a meta de aprendizagem. (BRANDOLIN, 2010).

Ainda de acordo com Brandolin (2010, p. 87), se ensinada a educação física desde os anos iniciais, desde cedo as crianças posteriormente terão várias oportunidades, além dos benefícios psicológicos, sociais e físicos que a educação física proporciona. Porém, como não há inclusão desde o ano inicial das meninas nos esportes, para eles, não é uma prática comum, e que no futuro pode causar grandes impactos em sua vida.

Ainda segundo Brandolin (2010, p.98), O gênero não é o sexo biológico, são construções baseadas nos sexos biológicos e acena para as diferenças percebidas entre os sexos, e também para as relações de poder que instituem tais diferenças. Gênero pode ser incluso junto de outros marcadores sociais como: raça, etnia classe social, sexualidade, geração, religião e entre outros. O conceito de gênero acolhe diferentes modos de vivenciar as feminilidades e as masculinidades, e não apoia a ideia de polarização entre o masculino e o feminino, diferentemente do estereótipo de gênero.

Na educação física, durante as aulas, os professores ensinam aos alunos quais atividades físicas devem fazer e como realizá-las se quiserem alcançar futuros benefícios e qualidade de vida. Existem relatos de que ambos os sexos não compartilham do mesmo interesse acerca da participação das aulas, mais especificamente alunos do ensino médio. No entanto, nota-se que, o real interesse da parte das meninas na educação física, isso diminui do ensino fundamental até a universidade e é influenciada por fatores como família, amigos, professores, percepções sociais, entre outros. (BRANDOLIN, 2010).

O estereótipo *do* substantivo normalmente se aplica quando o usamos para se referir a uma imagem mental comumente aceita que representa uma opinião simplificada demais, uma atitude preconceituosa ou um julgamento não considerado sobre alguém ou algo. Há uma tendência para nós, nas culturas, de superestimar até que ponto as pessoas fazem o que querem e subestimar até que ponto as pessoas fazem coisas que são prescritas por seus papéis sociais. Portanto, quando vemos pessoas em uma função específica, tendemos a supor que elas são adequadas para ela (e, por extensão, não tão adequadas para outras funções).

Segundo Batista et al (2010)

A raça, como o gênero, determina muitos dos papéis que as pessoas desempenham neste país. Pessoas de cor são super-representadas em empregos de baixa remuneração e, portanto, podem parecer aos brancos estar de alguma forma destinadas a eles. Na medida, então, que temos mais probabilidade de ver membros de grupos específicos em algumas funções, e menos probabilidade de vê-los em outras funções, desenvolvemos estereótipos como resultado.

Estereótipos são generalizados e poderosos, em parte porque afetam a forma como vemos o mundo, mesmo quando nossa experiência subjetiva nos leva a acreditar que estamos simplesmente descrevendo o mundo como ele realmente existe. Raramente acreditamos que somos influenciados por estereótipos, o que nos torna ainda mais suscetíveis aos seus efeitos. Relacionado a escola, o termo gênero é entendido também como identidade sexual dos indivíduos (FERREIRA, 2001)

Os estereótipos são importantes porque têm consequências específicas. As consequências específicas resultam dos conteúdos específicos desses estereótipos. Um desafio para o futuro, então, é este: precisamos nutrir uma literatura científica que ofereça explicações mais completas para as origens dos estereótipos que realmente importam.

Antigamente, existia uma ideia predominante na sociedade de que o esporte era uma fuga de acontecimentos ruins, o qual visava preencher espaços vazios que podia existir na sociedade. Todavia, o esporte transforma as pessoas e, proporciona inúmeros benefícios; estar bem fisicamente é muito importante porque viabiliza o seu crescimento e, é fundamental a prática de esportes pois, proporciona inúmeros benefícios ao seu físico, psicológico, emocional e, mental. Desde a antiguidade, o homem já tinha as suas necessidades e preocupações para manter a sua sobrevivência. Era preciso então desenvolver atividades físicas tanto para os seus

momentos de lazer desejados, como também para adaptar a sua sobrevivência cotidiana. (MORAES, 2011).

Diante disso, tonificando aos alunos e professores acerca da importância da discussão do objeto de estudo, visando o entendimento sobre relação entre os gêneros. Segundo Haertel (2007):

Os benefícios da educação física nas escolas são de longo alcance, incluindo tanto o aumento da saúde física do aluno quanto o melhor desempenho acadêmico. Por outro lado, sabe-se que a falta de atividade física entre os jovens aumenta o risco de obesidade, doenças cardiovasculares, diabetes, pressão alta e muito mais. Ao promover a educação física (EF) nas escolas, os educadores estão em uma posição privilegiada para ajudar os alunos a estabelecer padrões de comportamento saudáveis ao longo da vida e impulsionar o sucesso escolar.

A competência e a confiança são essenciais na educação física pois, elas auxiliam os alunos no ambiente interno e externo escolar, além de acrescentar em seu currículo. Visto que, possuir um bom currículo aumenta a capacidade de excelentes oportunidades em sua vida profissional e acadêmica. Seu empenho durante as aulas, é reflexo de sua habilidade, conhecimento e como resultado, adquire-se a confiança em participar de diversas atividades físicas, uma vez que, já sabem a respeito dos valores de estilos de vida ativos e saudáveis. (FERREIRA; MATIAS, 2014).

Em meio a diversas descobertas ao longo do tempo, a educação física passou a ser incluída nos currículos escolares brasileiros, logo depois da Segunda Guerra Mundial; quando precisavam de homens fortes e resistentes para lutar nas guerras e, assim teriam que preparar desde crianças. (DARIDO, 2002).

Segundo Mattos (2006, p. 67): Descobrir o que gostam de fazer, quais são suas aptidões na escola e como e onde se envolver na atividade física os ajuda a fazer escolhas informadas sobre a atividade física para toda a vida. EF ajuda os alunos a se desenvolverem pessoal e socialmente. Eles trabalham individualmente, em grupos e em equipes, desenvolvendo conceitos de justiça e de responsabilidade pessoal e social. Eles assumem diferentes papéis e responsabilidades, incluindo liderança, coaching e arbitragem. Através da gama de experiências que a EF oferece, eles aprendem como ser eficazes em situações competitivas, criativas e desafiadoras. É importante considerar que durante as aulas de educação física, cada aluno vai expressar uma forma diferente de praticar tais atividades, é

importante que o professor consiga atender todas as necessidades apresentadas, uma vez que, algumas delas poderão precisar de um auxílio a mais que outros colegas. Para Hass (2013), a educação física oferece atividades práticas que possibilitam a socialização e a aproximação aluno-aluno e aluno-professor, onde os alunos mantêm um relacionamento de amizade e motivação para praticar as atividades na aula com o incentivo do professor. É necessário destacar que, como o próprio nome já diz, 'física' visa desenvolver o físico de cada uma delas também. De acordo com Haertel (2007, p. 113) quanto mais praticada e trabalhada a educação física no âmbito escolar, enfatizando a inclusão das meninas nos esportes, menos veremos o preconceito e discriminação.

Mesmo considerando que somos todos seres humanos pertencentes a mesma espécie, ainda há muitos casos de segregação entre as pessoas. Esse tipo de problema se torna evidente quando consideramos que as diferenças culturais são compreendidas como desigualdades entre os diversos povos. O campo das práticas corporais e dos esportes, ainda é comum vermos casos de racismo e sexismo; em relação ao racismo ainda há casos de atletas ou praticantes de atividades corporais, serem discriminados e tratados com preconceito apenas por sua cor. Já em relação ao sexismo, é bastante comum vermos referências de que determinados esportes e determinadas práticas são mais masculinas, enquanto outros esportes e outras atividades são mais femininos. (ROMERO, 2009).

Todas essas premissas partem de uma perspectiva do que define os seres humanos, seria um universal biológico, que poderia então, formar uma classificação hierarquizada entre os seres humanos. Diferente disso, entende-se que, as práticas corporais humanas são definidas a partir de fatores culturais; o fato de alguns meninos em algum contexto se relacionarem mais com o futebol, por exemplo, não é uma expressão da biologia masculina, mas sim, de um entendimento cultural. (HASS, 2013).

Esse tipo de entendimento, tem sido muito conservador das desigualdades, basta lembrar, que há algumas décadas, meninas e mulheres eram praticamente excluídas da prática do futebol em nosso país. A transformação dessas relações é muito importante para que tenhamos uma educação física e uma relação mais democrática com as práticas corporais. Também é importante que o campo da

educação física construa práticas que ofereçam resistência às atitudes de preconceitos, possibilitando assim, uma educação física mais inclusiva com aos esportes a todos os gêneros. (PALMEIRA, 2009).

O esporte consiste em competições com regras fixas e universais regulamentado por alguma instituição. Segundo FERREIRA, MATIAS (2014), por mais que seja difícil trabalhar com os dois gêneros, principalmente a questão da inclusão das meninas nos esportes “masculinos”, nas aulas, não deve haver nenhum tipo de separação, para que todos possam entender que o esporte é para todos.

2.2 Prática desportiva do futebol e futsal feminino

Pires (2007) afirma que a participação das mulheres como atletas no futebol e futsal, precipita o conflito de gênero, na medida em que a reprodução rotineira do discurso e da identidade masculinos é desafiada. O futebol hoje, é popularmente conhecido em todo o mundo. É praticado em quase todos os países, visto que, o anseio pela disputa e pela vitória vibram na veia do ser humano. Os ingleses eram reconhecidos pelo descobrimento deste esporte, porém, eles apenas montaram a primeira associação de clubes, no século XIX, onde responsabilizaram-se pela parte da organização e elaboração das regras para o esporte, pois o futebol desde a antiguidade já era praticado (GOELLNER, 2012).

A prática de ensino do futebol, não é uma tarefa simples como muitos pensam, pois necessita de um vasto conhecimento acerca de gestos, regras, passes e técnicas. Tal prática, pode ser considerada pedagógica, uma vez que, é realizada dentro do âmbito escolar, isto é, por meio de um processo de ensino-aprendizagem, que tem como sujeito principal o aluno, que está ali para aprofundar-se no conhecimento, interagindo com outros alunos, compartilhando assim, do mesmo objetivo (GASTALDO, 2010).

Antigamente o futebol era conhecido apenas por ser uma prática de natureza masculina. E diante disso, de acordo com Ballariny (1940; citado por FARIA JÚNIOR, 1995), por ser um esporte de grande intensidade, não se enquadraria para meninas, que são sinônimo de delicadeza; seus corpos “delicados” poderiam ser transformados bruscamente.

Segundo os autores Verbena e Romero (2003) ambos os sexos são

incentivados a praticarem atividades físicas, ressaltando que o sexo feminino é direcionado as atividades mais leves, como a coordenação motora fina, destacando a sua harmonia e delicadeza, já o sexo masculino é direcionado a coordenação motora ampla, onde não é permitido nenhum tipo de fraqueza, ou seja, eles serão preparados para disputa, competição e vitória.

O histórico da evolução do futebol feminino, é de orgulho e superação, porém ainda sofre com grandes impactos. No Brasil, ao longo dos anos, as mulheres sofriam e pode-se dizer que ainda sofrem constantes preconceitos, discriminações e proibições acerca da inclusão nos esportes. Nos anos 20 ficaram registradas as primeiras partidas de futebol feminino, que naquela época, não era levado a sério, por se tratar de jogadoras do sexo “frágil”, não sendo reconhecido assim, como uma verdadeira disputa. (GOELLNER, 2012).

Com isso, até duas décadas depois, o futebol feminino ficou esquecido, não sendo incluído em clubes e nem em grandes ligas. Segundo o autor Goellner (2012) que faz uma profunda análise acerca do esporte feminino, relata que, não é comum encontrar mulheres dentro do âmbito esportivo, ainda mais, futebol; e que por mais que queiram a inclusão, não serão admitidas pelos homens.

Porém, Ferreira; Matias (2014) defende que, a inclusão feminina no esporte não é uma tarefa fácil, e por isso, ressalta a importância de reforçar nas aulas de educação física a inserção das meninas no esporte, não havendo nenhuma distinção ou separação. Trabalhando desta forma, com o tempo, ficará cada vez mais comum a participação feminina.

Já o futsal, é uma modalidade esportiva que surgiu como futebol de salão; o criador desse esporte foi o professor de educação física Ruan Carlos Ceriani. Há relatos de que o futsal teria sido inventado e criado no Brasil, em São Paulo na década de 40, mas, a história mais aceita foi a de que foi criada em Montevideu no Uruguai; independente disso o futsal é um esporte sul-americano que teve seu desenvolvimento feito na América do Sul e especialmente no Brasil, que se tornou potência do futebol de salão e hoje, do futsal. Segundo Ribeiro (2018), esta modalidade (futsal) estimula a participação dos alunos, principalmente relacionado de forma lúdica a coordenação motora, aumentando assim, o interesse nas aulas de educação física.

Portanto, para Goellner (2012, p. 50):

Os estudos sobre masculinidades, por exemplo, ainda são incipientes, e os existentes estão direcionados a uma masculinidade hegemônica, na qual atributos viris são reconhecidos e incentivados. (...) o corpo do homem parece ser incapaz de protagonizar uma estética corporal tradicionalmente associada a uma exclusiva prática feminina.

Para Louro (1997, p. 77), a palavra “gênero” está direcionada as divergências sexuais, que a sociedade interpreta de outra maneira, digamos que “tradicional”. Mesmo com a crescente presença das mulheres no esporte no Brasil, a situação tem que ser avaliada com cautela, sendo perceptível a significativa minoria feminina em torno do futebol. Poucas mulheres administram cargos nos clubes, que em sua maioria possuem treinadores, o que é o caso da seleção brasileira de futebol feminino. De acordo com Goellner:

Tal diferença pode ser notada por meio das mais variadas formas, ou seja, jogos olímpicos, clubes, exercícios nas escolas, lazer, estádio entre outros. Isso porque, essas práticas são encontradas em todos os lugares. Até mesmo em diversos nos meios de comunicação de massa, que destinam aos atletas homens maior destaque e projeção. (GOELLNER, 2004, p. 5 e 6).

Os jogos olímpicos que aconteceram no Rio, em 2016, registraram um recorde, no que diz respeito a presença de atletas do sexo feminino. Mas se engana, quem pensa que a presença da mulher no esporte, era algo aceito na sociedade. Em uma visão histórica, a mulher vem conquistando seu espaço como o direito ao voto, maior participação no mercado de trabalho, assim como na vida política e uma participação cada vez mais ativa no esporte. (PALMEIRA, 2009).

2.3 Pesquisas que apontam o preconceito e a discriminação da prática do futebol e do futsal feminino

Existem diversas maneiras de trabalhar o futebol e o futsal feminino, o professor vai planejar quais delas poderão ser condizentes as necessidades específicas de suas alunas, visando sempre à capacidade de estimulação as aulas, a se tornarem ágeis, equilibradas, coordenação motora, muita concentração, disciplinaridade, enfim um vasto de benfeitorias que estimula o lazer e o prazer a todas elas, estimulante sempre a prática do esporte feminino. (PALMEIRA, 2009).

Além desses aspectos citados anteriormente, estimular as meninas a praticarem atividades físicas pode trazer outros inúmeros benefícios para o seu desenvolvimento, como ter atomicidade e domínio sobre o seu próprio corpo, pois vai descobrir as habilidades que o mesmo possui, incentivando assim, a coordenação motora. (GOELLNER, 2005).

Outro benefício é o desenvolvimento da inteligência, quando a aluna pratica o que é oferecido pela educação física, ao mesmo tempo, se diverte aprendendo, assim seus neurônios são estimulados a se desenvolver mais. Ao praticar a educação física, também é possível criar vínculos de amizade e, terá momentos de socialização sobre a própria atividade realizada, seja dupla ou em grupo, tudo leva a refletirem e se autoavaliarem. Moura (2005) mostra que esse preconceito vem desde crianças no país, pois as meninas no Brasil têm seu primeiro contato com a prática de futebol no início da puberdade, diferentemente dos meninos, que já vivenciam os primeiros chutes antes mesmo da fase escolar.

Em uma análise realizada acerca das grandes representações sociais com crianças entre 13 a 17 anos nas escolas, Verbena e Romero (2003) afirmam que, o gênero masculino é visto como uma força, o líder e o mais habilidoso. Já a mulher, é fraca, não sendo possível praticar algumas modalidades esportivas, pois seu gênero não permite.

Neste sentido, os esportes masculinos seriam o basquete e futebol, e o efeminado a ginástica olímpica. Para esses adolescentes isso é natural biologicamente e moralmente. A sociedade cobra determinados padrões de comportamento que são direcionados para o homem e para mulher segundo características socialmente impostas que interferem na prática esportiva.

Nos momentos de socialização, é possível também conhecer as adversidades de cada uma delas, desenvolver atitudes de cooperativismo/companheirismo/ de ajudar uns aos outros, colaborar no que está sendo difícil para o outro, reforçando a importância da inclusão das meninas nos esportes. Souza e Knijnik (2007) afirmam que a mulher mesmo tendo conquistado o mundo esportivo e praticando esportes antes tidos como de exclusividade masculina ainda são "invisíveis" para a sociedade que acompanha o esporte através dos meios de comunicação.

Esses benefícios que foram apresentados inicialmente, mostram o quanto é importante à prática da educação física não só para combater o preconceito e a discriminação, mas também para uma qualidade de vida melhor. Todavia, é necessário ressaltar que, antes da criança ir para escola, e ter todos esses ensinamentos, ou seja, desde a infância, a família será a sua primeira instituição. É a família que desde cedo, deve ensinar o quão importante é a atuação das meninas nos esportes, deve-se ensinar que não existem gêneros para essas modalidades; para quando chegar à escola, já ter essa base que assim vai ser especificada pelo professor em sala de aula. Boschilia e Meurer (2006) com isso afirmam que foi colocada uma responsabilidade ao selecionado feminino de suprir, mesmo que minimamente, a ausência da equipe masculina.

Juntamente com a família, o Estado que é o que representa a escola, vai se responsabilizar pela socialização e a inclusão de gênero nos esportes dentro das escolas públicas e particulares. Sendo assim, a escola é a responsável por formar cidadãos competentes, ágeis e sem nenhum tipo de preconceito para a sociedade.

Assim, também foi citado que a família é a primeira instituição das crianças, cabe destacar que agora que a escola é a segunda instituição. De acordo Mussen (1990, p. 468), “A escola é um sistema social pequeno, na qual as crianças aprendem regras de moralidade, convenções sociais, atitudes e modos de se relacionar com os outros, bem como habilidades escolares”.

Contradizendo a essas afirmativas, o ambiente escolar sempre foi visto como uma área acolhedora, que desde cedo ensina regras, atitudes e ajudam as crianças a formarem a sua personalidade. Porém, não vêm praticando a inclusão feminina nos esportes. Isto é, ela não adota metodologias eficazes nas aulas de educação física. Rondinelli, colaboradora do Brasil Escola, diz:

A Educação Física tem uma vantagem educacional que poucas disciplinas têm: o poder de adequação do conteúdo ao grupo social em que será trabalhada. Esse fato permite uma liberdade de trabalho, bem como uma liberdade de avaliação - do grupo e do indivíduo - por parte do professor, que pode ser bastante benéfica ao processo geral educacional do aluno. (Rondinelli, 1990).

É importante considerar que, durante as aulas de educação física, cada criança vai expressar uma forma diferente de praticar tais atividades, é importante que o professor consiga atender todas as necessidades apresentadas, uma vez que

algumas delas poderão precisar de um auxílio a mais que outros colegas. É necessário destacar que como o próprio nome já diz, 'física' visa desenvolver o físico de cada uma delas também. Segundo Neira (2003, p. 118) destaca:

Conquistas no plano da coordenação e precisão dos movimentos podem ser alcançadas através da prática constante de diversas brincadeiras e atividades motoras presentes em diversas culturas, que terminam por solicitar complexas sequências motoras para serem reproduzidas, oferecendo, assim, oportunidades privilegiadas para desenvolver habilidades no plano motor. (...) Conhecer jogos e brincadeiras e refletir sobre os tipos de movimentos envolvidos é condição importante para ajudar as crianças a desenvolverem uma motricidade harmoniosa. (NEIRA, 2003, p.118).

Praticar atividade física é muito importante seja qual for à idade, pois traz inúmeros benefícios tanto ao seu desenvolvimento biológico como também psicológico, sendo que, nesse processo se originam muitas habilidades que antes eram desconhecidas, sem mencionar o vasto conhecimento que a criança terá a respeito da inclusão das meninas no futebol e futsal. O corpo humano precisa ser pensado a partir de acontecimentos ligados à inteligência e, ao seu desenvolvimento integral.

Rondinelli (2015), colaboradora do Brasil Escola, diz:

A Educação Física tem uma vantagem educacional que poucas disciplinas têm: o poder de adequação do conteúdo ao grupo social em que será trabalhada. Esse fato permite uma liberdade de trabalho, bem como uma liberdade de avaliação - do grupo e do indivíduo - por parte do professor, que pode ser bastante benéfica ao processo geral educacional do aluno. (Rondinelli, 2015, p.45).

Desse modo, é preciso que o professor observe o movimento de cada aluno, cada ação que venha caracterizar preconceito e discriminação durante as atividades. Isso para mesmo autor Neira (2003, p. 119) é fato que: "O gesto que é repleto de plangente, direciona a assumir uma importante função, no âmbito do processo educativo dos alunos, juntando-se assim em uma mesma ação e proporção do conhecimento". Isso significa que cada gesto, cada comportamento deve ser analisado pelo professor, pois isso, pode ser um reflexo daquilo que ela vive no seu dia a dia em casa, na rua, na família e, em qualquer ambiente que habita.

Sobre a função do professor, Mattos (2006, p.59) salienta:

O professor bem subsidiado possui uma clara noção do seu papel político como formador de cidadãos que se constituem em sujeitos do processo de

aprendizagem. Dessa forma, o educador não deverá limitar sua formação aos saberes específicos dos conteúdos, mas conhecer de forma ampla as questões pedagógicas e o processo de aprendizagem do ser humano para elaborar e adequar situações de ensino com especial atenção aos níveis de conhecimentos reais dos seus alunos, prevendo objetivos concretos e exequíveis. (MATTOS, 2008, p.59).

Por isso, estar a necessidade de atuar um professor formado em educação física porque melhor que isso, vai perceber e analisar todos esses comportamentos para assim analisar o que poderá ajudar a superar tais dificuldades. Conforme Gallardo (1998, p. 94):

O movimento corporal ou movimento humano, tema da Educação Física, não é qualquer movimento. Ele está inserido em um contexto educativo (de capacitação e de formação), apresentando um determinado significado para o professor e para o aluno. Por isso mesmo, no planejamento, no acompanhamento e na avaliação desse trabalho, o professor deve ficar atento aos aspectos reflexivos e de tomada de consciência presentes nas atividades, a fim de que estas não se tornem um fim em si mesmo. (GALLARDO, 1998, p.94).

Ficou claro como é importante a Educação Física no desenvolvimento tanto físico, psicológico, motor, emocional dentre outros benefícios para a formação do caráter do aluno. Em consonância a tudo isso apresentado, os estudos também mostram que a falta de atividades físicas durante a fase infantil pode vir a causar problemas na fase adulta; pode aparecer algumas consequências precocemente e a mais predominante é o preconceito e a discriminação com as mulheres praticantes de esportes, mais especificamente no futebol e futsal feminino. (PIRES, 2007).

Além de todos os benefícios apresentados, pode destacar também que, as atividades físicas podem fazer com que os alunos diminuam a sua agressividade. Pois o aluno que é estimulado e participa das aulas de educação física é instigado a outras capacidades, porque como discutido anteriormente, para eles, desde pequeno, não é comum a inclusão de mulheres nos esportes que os homens praticam. (PIRES, 2007).

Todo esse rol de atividades exercidas em sala de aula ou qualquer outro espaço que o professor queira desenvolver a sua aula, vai prepará-los para futuramente ser um adulto sem preconceito as adversidades. Com isso, fica claro, que cada vez mais a educação física precisa existir nos currículos escolares e, precisa realmente acontecer. Pois, o futebol feminino e o futsal enfrentam no Brasil uma série de barreiras, e entre elas, estão o preconceito e discriminação. Durante

muito tempo, no futebol e futsal feminino, foram proibidos no Brasil. O conselho nacional de desportos dizia taxativamente que os esportes eram para os homens, não para mulheres, afirmavam que elas se masculinizavam jogando futebol e futsal; e isso evidentemente aumentou o preconceito de que era no máximo para “mulher macho”. (MATOS, 2006).

Freitas (2003) fez uma análise por meio de uma pesquisa acerca de todos os envolvidos na formação dos alunos (pais, professores e árbitros), que realizaram um campeonato de futebol em 2002 em João Pessoa; nesse campeonato, destacaram as respostas de todos os participantes, em geral, que optaram por dar aulas aos meninos, mencionando a habilidade, facilidade e principalmente das competências ao jogar. Já outros entrevistados, quando questionados acerca da prática feminina, não hesitaram em destacar que não possuem habilidade e nem força o suficiente para suportar o desgaste físico no futebol. Porém, não descartaram a inclusão feminina, apenas recomendaram o futsal, por ser um esporte menor e que exige menos condicionamento físico.

O autor Viana (2012) fez uma análise bastante questionadora, acerca de uma metodologia de ensino “diferenciada” de um professor de educação física. Em uma das aulas, esse professor decidiu fazer uma partida de futebol com os dois gêneros. No gol, ele colocou uma menina, e o time ele dividiu em ambos os sexos; o objetivo dele era criar uma situação de igualdade entre eles. No momento de cobrar o pênalti, por preocupação e segurança afinal, era uma aula “teste” de inclusão, ele pediu que outra menina fizesse a cobrança do pênalti, pois assim, evitaria possíveis riscos a goleira. Porém, um aluno fez um questionamento: “Então, os meninos podem correr o risco de se machucar, mas as meninas, não?” Foi a partir desse questionamento, que o autor Viana (2012), teve a plena certeza de que, a idealização que todos têm acerca da força masculina, é certeza, e que sem dúvidas, eles já são preparados para essas situações.

Já outros autores, como Freitas (2003) relatam que tal violência só acontecem no futebol masculino, ou seja, as meninas não aguentariam pois, não foram preparadas para isso. O preconceito na maioria das vezes está presente dentro do ambiente familiar. Muitas meninas comentam que os próprios pais são contras e até as impedem de jogar. Talvez se os pais buscassem se aprofundar e

conhecer mais o futebol e futsal feminino e, principalmente permitir a participação de suas filhas, diminuiria muito o preconceito e a discriminação.

Neste sentido, como podemos observar no decorrer deste estudo, há várias maneiras de preconceitos existentes, isto é, que são presentes no dia a dia das famílias, escolas e alunas praticantes que são as mais afetadas. Desta forma, cada vez que durante as aulas de educação física, os professores fizessem a inclusão das meninas nos esportes, mais os meninos e as pessoas se adaptariam. Porém, o que vemos observando é que o incentivo é pequeno, e desta forma, os números de meninas praticantes, vem caindo.

Em uma pesquisa realizada com os alunos de escolas públicas que praticam esportes, descreveram que constantemente são vítimas de preconceito na própria escola e no ambiente familiar. Após esse relato, fez-se uma análise acerca da discriminação e preconceito durante as aulas, onde 76% dos alunos confirmaram que não praticam a discriminação contra as meninas, já 24% alegaram que infelizmente praticam a discriminação. Apesar do número parecer baixo, nesse âmbito, ele não é. No quadro abaixo, estão descritas as justificativas desses 24%:

Quadro 1. Justificativas apresentadas pelos alunos

Justificativa dos alunos praticantes de discriminação	Quantidade de alunos	Justificativa dos que não apoiam essa prática	Quantidade de alunos	Não justificaram
Consideram as colegas “incapazes”	1	Respeito as colegas	5	79
As meninas não sabem jogar	5	Não sou preconceituoso	2	
Apenas devolvem as ofensas verbais	1	O esporte é para todos os gêneros		
Momento de nervosismo durante o esporte	3			

Respondi a apelido	1			
Não queria perder o jogo para as meninas	1			
Meninas não possuem habilidades	1			
Total:	13		7	79

Fonte: dados da pesquisa

Como podemos notar por meio das justificativas dos discriminantes, a porcentagem de preconceito durante as aulas, são altos. A solução para a diminuição é que os Parâmetros Curriculares Nacionais, ressaltassem diariamente a necessidade da inclusão nas aulas de educação física, buscando assim, implantar metodologias inovadoras de ensino que dessem oportunidade das meninas mostrarem seus talentos nas partidas, e mais do que isso, demonstrassem que podem agregar juntamente aos meninos, e que essa “indiferença” está somente na cabeça dos preconceituosas. (BRASIL, 1988).

Buscando debater sobre esse assunto polêmico, o autor Sousa (2007) diz que os professores possuem uma grande dificuldade em passar por cima desse preconceito nas escolas pois, cada aluno possui sua cultura, valores e princípios que vem desde a sua criação em casa, e para que isso mude, é um processo bastante lento, ainda mais com esse preconceito cada vez mais forte nas aulas de educação física.

Buscando chegar em outros resultados positivos, Souza e Knijnik (2007) fizeram uma pesquisa na mídia impressa, e infelizmente o resultado foi negativo. Uma vez que, os meninos são vistos com habilidades de atletas e fortes, e as meninas de natureza bela, delicada e frágil. E é o que foi imposto pela sociedade desde a antiguidade, e mudar isso, não é tão fácil.

Mesmo que seja um processo lento e difícil, é importante frisar a inclusão das meninas nos esportes, a fim de quebrar essa visão machista imposta pela

sociedade, de que a mulher é sexo frágil. A maioria das pessoas acreditam que o futebol e futsal feminino sejam apenas um hobby, o que não é verdade. Cada dia, as meninas estão mais dispostas a conquistarem seu espaço nesses esportes, não só pela conquista ou vitória, mas sim, para tornar comum sua participação e incentivar outras meninas. (PIRES, 2007).

Reforçando o que já foi dito, os professores possuem um papel fundamental na intervenção do preconceito e discriminação, atuando com metodologias inovadoras de inclusão. Caso contrário, são vistos apenas como simples professores, não capacitados e não habilitados para tal profissão, pois, desde sua formação são preparados e capacitados para tal situação, e se não colocam em prática, não estão capacitados. (CARDOSO, 2002).

Contudo, para que aconteça essa intervenção, primeiro o professor deve fazer uma abordagem do contexto histórico e social deste assunto, para que após, ele possa adentrar com metodologias de intervenção no preconceito e na maneira de interação entre os alunos durante as aulas de educação física. Desta forma, acredita-se que é possível construir uma escola democrática e participativa. (CARDOSO, 2002).

E por fim, de acordo com Ferreira, Matias (2014) na teoria é fácil, difícil é na prática, porém, também devemos pensar que não é fácil para as meninas desistirem de seus sonhos apenas por não serem aceitas pela sociedade, sendo que é possível sim, reduzir o preconceito e discriminação e fazer a sua inserção nos esportes. Mas para isso, elas precisam de suporte da escola, auxiliando na rejeição, exclusão, intervenção e inclusão, e principalmente da família, ajudando moralmente e psicologicamente. Buscando assim, sua garantia aos direitos e deveres da cidadania, a política, da igualdade, a solidariedade e ética da identidade (BATISTA, et. al, 2010).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela análise dos estudos, percebe-se que o mundo esportivo historicamente foi reservado para o sexo masculino, em uma época em que as mulheres não falavam e não podiam participar de esportes, pois muitos estudos mostraram como eles se desenvolveram, mas nenhum mencionando o sexo feminino. Vimos que o futebol feminino começou vários anos depois do futebol masculino, e com muito menos motivação. No Brasil, os homens eram vistos como heróis, enquanto as mulheres eram consideradas atrações de curiosidade após um decreto presidencial proibindo as mulheres de praticarem atividade física sob o argumento de que isso as masculinizaria. É claro que a participação feminina neste esporte cresceu ao longo do tempo, mas ainda não há igual respeito pelos homens ou igual valor dado às mulheres neste esporte, e não há igual disseminação de informações.

Dentro da modalidade futebol, há muito preconceito, e muitas mulheres ainda lutam com a decisão de jogar. Muitas pessoas percebem o futebol como um esporte masculinizado. Na sala de aula, os estereótipos de gênero ainda existem, pois os pais frequentemente repassam seu desrespeito aos filhos, resultando em situações em que uma menina ganha uma boneca e um menino ganha uma bola porque, aos olhos dos pais, a bola pertence a um menino e não uma garota. Assim, quando chegam aos anos escolares, muitas vezes é o professor que deveria ser o único a mudar isso, dando uma bola de vôlei para as meninas e uma bola de futebol para os meninos, separando-os por gênero, porque futebol seria coisa de homem e vôlei algo para mulheres.

Houve algumas mudanças na educação física escolar recentemente, e os professores agora mais do que nunca acreditam que elas são a causa dessas mudanças, fronteiras históricas e culturais. Agora que as meninas experimentaram essa vida motorizada, e gostado, pois as mulheres ganharam um pouco mais de espaço dentro das quadras. Ainda não é o mesmo, mas já houve muitas mudanças por causa dessa noção preconcebida. Em termos de gênero, onde é evidente que as mulheres ainda relutam em praticar esportes, mas com menos força.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. CASAGRAF- Artes Gráficas Unipcssoal. Lda. Para EDIÇÕES 70, LDA. Rio de Janeiro de: 2002.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. reimp. Lisboa: Edições, v. 70, 2011.

BOSCHILIA, B.; MEURER, S. S. Refletindo sobre a participação da mulher no esporte moderno: algumas relações entre gênero e mídia impressa. **Revista Digital EFDesportos.com**, Buenos Aires, ano 11, n° 97, jun-2006.
<http://www.efdeportes.com/efd97/mulher.htm>. Acessado em: 26/05/2021.

BRANDOLIN, Fabio. **A percepção dos alunos sobre a educação física no Ensino Médio**, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2010.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. SEF. Brasília, 1998

CAMPOS, C.J.G. **Método de análise de conteúdo**: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde.2004, disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5>>. Acesso em: 01 dez. 2020.

CARDOSO, Osney M. **Educação Física na escola pública: como próprios profissionais percebem sua área de atuação**. 11 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação da UNESP, Campús de Marília, Pato Branco, 2002.

DARIDO, S. C. Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. **Motriz**. Agosto 2002, vol.8,n.2, Rio Claro, 2002. p.43-50.

FARIA JÚNIOR, A. G. **Futebol, questões de gênero e co-educação** – Algumas considerações didáticas sob enfoque multicultural, Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol, Rio de Janeiro: UERJ, n. 2, 1995, p. 17-39.

FERREIRA, H. B. **Iniciação Esportiva: Uma abordagem pedagógica sobre o processo de ensino-aprendizagem no basquetebol**. Campinas SP, 2001.

FREITAS, L. L. **Cultura corporal e dominação masculina como as diferenças são construídas?** In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder. Sessão temática – Gênero e Práticas corporais e Esportivas. Florianópolis, 2003.

FROEMMING, L. M. S. et al. **Análise da qualidade dos artigos científicos da área de marketing no Brasil**: as pesquisas survey na década de 90. Rev. adm. contemp. vol.4 no.3 Curitiba Sept./Dec. 2000. Disponível em:
<https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-65552000000300011&script=sci_arttext&tlng=es>. Acesso em: 01 dez. 2020.

GASTALDO, E; LEISTNER, R. M. **Futebol, mídia e sociabilidade**. Uma experiência etnográfica. Cadernos IHU Idéias, São Leopoldo, n. 43, 2010.

GALLARDO, Jorge Sergio Pérez; OLIVEIRA, Amauri A. Bássoli de; ARAVENA, César Jaime Oliva, Didática de Educação Física: **a criança em movimento: jogo, prazer e transformação**, São Paulo: FTD, 1998.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** / Antonio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GOELLNER, S. V. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.

GOELLNER, S. V. **Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades**. Revista Tempo/ v.19, n°34, 2012.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz; RAMOS, Glauco N. S. **A Educação Física escolar e a questão do gênero no Brasil e em Portugal**. São Carlos: EdUFSCar, 2005

GRANDO, Daiane; BUENO, Alana. **O futsal e o futebol pelo olhar feminino**. 9º Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar – CONPEF - 4º Congresso Nacional de Formação de Professores de Educação Física UEL - Londrina – 21 a 24 de maio de 2019. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/conpef/portal/pages/arquivos/ANAIS%202019%20-%20ARTIGOS%20COMUNICACAO%20ORAL%20E%20CARTAZ/O%20FUTSAL%20E%20O%20FUTEBOL%20PELO%20OLHAR%20FEMININO.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2020.

HAERTEL, Bianca. **A temática do gênero nas aulas de educação física do ensino médio**, São Carlos. 2007. Disponível em: http://www.ufscar.br/~defmh/spqmh/pdf/2007/3colq_genero.pdf. Acesso em: 29 de Maio de 2014

HASS, Leandro Baptista. **O ensino do futsal na escola: a perspectiva pedagógica assumida pelos professores de educação física**. 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis. Vozes, 1997. p. 14-16.

MASCARIN, Rafaela; OLIVEIRA, Flavia; MARQUES, Renato. Feminilidade e Preconceito de Gênero no Futsal: Uma perspectiva de atletas brasileiras. **Fluxos & Riscos** vol. II n.º2, 2017. Pp. 83 – 96.

MATTOS, Mauro Gomes de; NEIRA, Marcos Garcia, **Educação Física Infantil: construindo o movimento na escola**, São Paulo: Phorte, 6ª Ed. 2006.

MORAES, L.L. **Gênero, sexo: construções da educação física escolar**. Belo Horizonte, 2011

MOURA, E. L. **O futebol como área reservada masculina**. In: DAOLIO, J. (Org.) Futebol, cultura e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2005.

MUSSEN, Paul Henry; Maria Lúcia G. Leite Rosa (Trad.), **Desenvolvimento e personalidade da criança**, São Paulo: Harbra, 1990.

NEIRA, Marcos Garcia, **Educação física: desenvolvendo competências**, São Paulo: Phorte, 2003.

OLIVEIRA, Caroline Silva de. **Mulheres em quadra: o futsal feminino fora do armário**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2008. Orientador: Prof. Ms. Marcelo Victor da Rosa. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACA_O_FISICA/monografia/Mulheres-em-quadra.pdf. Acesso em: 01 dez. 2020.

PALMEIRA, F. C. C. **Construção de identidades de gênero na Educação Física Escolar**. Motriz, Rio Claro, v. 15, n. 1, p. 116-131 2009.

PIRES, G. L. **O esporte e os meios de comunicação de massa: relações de parceria e tensão. Possibilidade de superação?** In: GRUNENVALDT, J. T. e outros (Orgs.). Educação física, esporte e sociedade: temas emergentes. São Cristóvão: DEF/UFS, 2007.

RIBEIRO, M. G.; AMARO, D. A. **Psicologia e Saúde em debate: A IMPORTÂNCIA DO FUTSAL PARA OS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**. p. 36–36, 2018. Disponível em: <http://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/382>.

ROMERO, E. A (In)Visibilidade da mulher atleta no jornalismo esportivo do Rio de Janeiro. In.SIMÕES, A. C.; KNIJNIK, J. D. (Orgs.). **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero e desempenho**. São Paulo: Aleph, 2009. p. 213-252.

RONDINELLI, Paula, **Educação Física**. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/educacaofisica/> Acesso em 09 de Maio de 2021.

SIMÕES, G. C. **Metodologia** – Pesquisa Científica. Material didático – Slides da disciplina de TCC-Projeto do Curso de Educação Física, Unaí-MG – FACTU 2-2015.

SOUZA, J. S. S; KNIJNIK, J. D. **A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil**. Rev. bras. Educ. Fís. Esp. Jan./Mar. 2007, v.21, n.1, São Paulo, 2007. p.35-48.

SOUZA, E. J. A. **Futsal e preconceito: uma questão de gênero**. Ubá- MG: FAGOC, 2007. 48f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Faculdade Governador Ozanam Coelho, Ubá, MG, 2007.

VERBENA, E. C. G.; ROMERO, E. **As relações de gênero no esporte por discentes da rede pública municipal de Juiz de Fora**. Movimento. Maio-Agosto 2003, v. 9, n. 2, Porto Alegre, 2003. p. 113-125.

VIANA, Aline Edwiges dos S. FUTEBOL: das questões de gênero à prática pedagógica. **Conexões**: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 6, ed. especial, p. 640-648, jul. 2008.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos** / Robert K. Yin; trad. Daniel Grassi - 2.ed. - Porto Alegre: Bookman, 2001.